

Carta a Carlos Magalhães de Azeredo

EMQUANTO não me chegava a tua primeira carta, que viria recompôr o nosso convivio, comecei a reler para enganar a ausencia, os teus ultimos escritos: o discurso no banquete que em despedida te offerecemos, alguns amigos, camaradas e admiradores; os versos de *Vida e Sonho*, e outros de *Laudes do jardim real* que fizeste na Grecia e as paginas de poesia sem verso do teu proximo volume *Ariadne*.

Relidas, as palavras daquelle discurso commoveram-me ainda mais do que ouvidas. Refez-se a hora e o ambiente do nosso adeus, e o harmonioso conjuncto dos que alli se reuniram, sem constrangimento, em puro affecto intellectual ou cordial, concorrendo para a homenagem de apreço ao homem, ao diplomata e ao poeta, e que a sentiram excellentemente traduzida na voz de Carvalho Mourão, o bem escolhido interprete de todos.

Se o criterio dessa escolha tivesse sido o grau de amizade, não fôra facil decidil-a entre nós, elle e eu, ambos teus amigos, eguaes em tempo e sentimento; mas elle é o orador, e a minha inferioridade obrigava-me a abster-me de um posto, que me estavam pedindo o coração e o espirito, para dizer-te em voz alta e entre tantos, a minha admiração.

O banquete é a fôrma adequada a manifestações, a que não basta o aconchego domestico, mas a que repugna a indifferença de um auditorio muito numeroso, heterogeneo e anonymo. É o meio termo entre a popularidade ruidosa e o renome discreto; promove-o o impulso expansivo da amizade commovida que deseja impressionar o publico e associar-o, pelo menos em recordação, aos seus sentimentos. Assim devia ser, mas nem sempre é, ou quasi que nunca. Malbaratam-se as occasiões; e o que caberia á amizade, fal-o o interesse, a vaidade do convivio, ou a mera imitação; e tantos já são os pretextos de banquetes, e tão frequentes os banquetes, que nem os extranhos lhes dão importancia, nem os mesmos convivas se juntam senão por complacencia, quando não contrafeitos.

Por isso não me admiraria a mim que não te houvessem prestado essa homenagem os que sentiam por estimulo de admiração o dever de um reconhecimento publico dos teus meritos e serviços

na diplomacia e nas letras. O abuso da manifestação explicaria a deslembração dos amigos; mas ainda supponho que esta resultaria antes da tua propria distincção, permanente, essencial e diffusa. O teu valor a ninguém sorprehendia. Nas letras como na diplomacia a tua ascensão foi continua, como a de uma força natural que se desenvolve. E só o que é imprevisito ou intermittente, produz impressão de alvoroço. A tua mesma estréa litteraria no Rio, que pelo exito natural da primazia num concurso de contos julgados por Machado de Assis, devêra ter sido uma novidade ruidosa, foi para quasi todos a só verificação de uma expectativa. *Beijos... beijos* realizava a promessa de outras paginas, em prosa e verso, do menino e do adolescente, communicadas em carta a amigos e mestres ou depois publicadas em jornaes de S. Paulo. Quantos lograriam os gabos e a animação que, apenas sahido do collegio de Itú, recebias de Machado de Assis e de Joaquim Nabuco? Os teus collegas de academia, acostumados desde o primeiro anno aos teus escritos, conheciam-te a facil inspiração, a fluencia da palavra, a seriedade das ideas.

Não te discutiam mais o talento, não te saudavam como director de grupo escolastico, não te applaudiam com bulha; mas quando resolveram commemorar a passagem, pela academia, de Alvares Azeredo, Castro Alves e Fagundes Varella, a todos a consciencia indicou um nome. Não te valeste desse motivo de justa vaidade. Eras da bôa linhagem dos que não ficam embevecidos com as mostras do successo e deste só tiram incentivo para proseguirem no esforço do aperfeiçoamento. *Beijos... beijos*, o conto premiado no concurso da «Gazeta de Noticias» em 1894, por julgamento de Machado de Assis, era a pequenina e primeira flôr da tua prosa; que muito que a vissem, admirando-a, mas não admirados, os que tinham visto e admirado o botão a formar-se? A *Beijos... beijos* reuniram-se outros bellos contos e sahiram no volume *Alma primitiva*; e dois annos depois uma selecção, dentre muitas poesias, formava o de *Procellarias*. Appareceram esses livros quando já vivias distante do Brasil, na tua função diplomatica, desde 1894; e antes de publicado o segundo, elegiam-te, em Janeiro de 1897, com os primeiros escolhidos para completarem a Academia Brasileira, que então se fundava. É muito significativo esse facto de tua consagração por parte dos que constituíam pelo talento e pela obra, poetas, romancistas e criticos, a mais alta representação actual da litteratura brasileira. Faltava-te o successo da imprensa? Davam-te os verdadeiros escritores, os que podiam julgar serenamente, o exito da carreira e do renome, escolhendo-te, ausente e sem candidatura, aos vinte e quatro annos. Não influíra a rogativa que em taes e outros casos força a condescendencia: não actuara a camaradagem, e até a amizade, se só ella tivesse de influir, teria na condição da distancia a desculpa da exclusão ou do adiamento

da escolha, de quem apenas começava a ser autor. E havia, não ausentes, outros autores de mais de um livro, e mais edosos, que desejavam, se não pediam, a eleição. Mas com a tua ninguém pareceu desagradado; porque na verdade eras um nome que já valia por si.

O teu talento de escritor não tinha a feição de força eruptiva, que pôde ser, e é tantas vezes, um phenomeno momentaneo, de repercussão apenas externa e efêmera. Em tua obra manifestou-se o desenvolvimento de uma força estavel, de raizes profundas, em que um observador presentiria a permanencia, a continuidade e a virtude de se ampliar, crescer e intensificar. E é a que eu mais preso e acredito seja a que mais perdure na estima e memoria dos homens.

Correspondia áquelle presentimento a tua divisa, nas *Procellarias*—*Ascende semper*.— E a sorte, não só ella, a probidade mental e a seriedade do estudo, a vão cumprindo: a tua vida e a tua obra têm sido uma ascensão, vagarosa como convem aos que sobem, mas sem paradas, sem descahidas.

A tua producção a foi assignalando no correr dos annos: *Aspectos de Italia* que, não sei porque, ficaram esparsos nos numeros do *Jornal do Commercio*, e dariam um alentado livro; *José de Alencar*, discurso; *Joaquim Nabuco*, conferencia; *Balladas e phantasias*; *Homens e livros*; *A Portugal no Centenario das Indias*; *Odes e Elegias*, *Horas sagradas*; *Poema da Paz*; *A Italia no luto da Calabria e da Sicilia*; *Quasi parabola*; *Vida e Sonho*, e agora *Ariadne*. E quasi outro tanto ahi fica nessa bojudá pasta, companhia inseparavel das tuas viagens e excursões.

Mas considerando sómente a tua obra sahida em livro, e sem contar os opusculos; quantos dos nossos escritores apresentam o equivalente aos teus nove volumes de poesia e prosa? E o que menos importa é o numero; á qualidade sim, me refiro e comparo a dos autores contemporaneos e antigos; e confirmo a minha impressão de que a tua obra literaria é das mais equilibradas, mais solidas, mais substanciosas e em summa das mais cristallinas da literatura brasileira. Nunca te disseram isso? Talvez não t'o dissessem em vida. Porque não o sintam? Ha muito leitor distrahido, e dos que não o são, a maioria tem o gosto fluctuante, orientado pela moda, e pelo brilho exterior.

Vivemos numa epoca de febricitante pressa; e não ha vagar para reler. Ora, tu escribes para ser relido, não escolhes o ultimo dos modelos para impressionar, nem buscas o teu auditorio no publico do dia. E moras longe do teu paiz. Se a distancia é para o autor estrangeiro uma razão a mais de estima; para autor nacional constitue uma especie de desnacionalização, um estado de indifferença. Nem sempre ha desestima; entretanto é quasi como se houvesse, porque não se communicam as admirações individuaes, que

unidas, e reflectidas umas sobre outras, fórman a athmosphera de claridade e vibração em torno de um nome. Pouco valem para esse effeito, ainda que sejam numerosos, os leitores esparsos, que admiram em silencio uma obra literaria. Falta o ponto de convergencia, e de focalização. E ha outras circumstancias. — A nomeada é menos da essencia que do accidente. A quantas assistimos que passaram sem lembrança, e a quantas só achamos o fundamento de um facto pessoal, extranho á obra, com a qual no emtanto se relacionou, tornando-a inesquecida, e convencional ou sentimentalmente prezada! Por outro lado a falta do extraordinario e o decurso normal da vida de um autor parece que lhe velam o nome para os enthusiasmos do encarecimento. A gloria devida lhe vem com a morte ou só de acaso pouco antes della, ao contrario da dos homens de violencia e força. Será consequentemente uma razão de tibieza do apreço publico a distincção aristocratica do espirito e o caracter que elle imprime á sua criação.

Todos esses elementos haverão influido para que o teu nome tão prezado pelos que podem decidir uma definitiva reputação, não tenha ainda a resonancia publica, e não seja dos que andam falados, ou escritos a cada passo como os dos mestres das gerações que apontam para as letras. Oh! bem sei que alguns desses nomes são murmurados por effeito quasi mnemonico de estribilho; mas a gloria em grande parte é isso mesmo, uma recordação, uma repetição de outiva. Dispensa-se o conhecimento directo da obra: o do nome basta para illudir e conservar a admiração.echoante. Esta, é certo que não a desejas, e deixar-te-ia frio o louvor que não reflectisse a cuidada leitura dos teus livros.

Eu quizera que essa leitura fosse mais assidua, e só disso depende a generalização do apreço ao teu nobre talento e aos livros em que elle provou as suas multiplas faces, e em que o prosador, cousa rara, é tão alto quanto é o poeta. E os dois servidos por um dos mais finos, e cultos engenhos de critica.

Não a conheço melhor do que a que forma os estudos reunidos em *Homens e livros*. Como não tencionavas cultivar preferentemente o genero, só te occupavam escritores admirados; mas as mesmas qualidades que te serviram tão bem para interpretalos, serviriam egualmente para a analyse dos que te parecessem defeituosos e erroneos. Tens em primeiro logar o discernimento, e o gosto, de natureza e de cultura. Sem que digas, sem que o apregões, resalta de cada pagina tua o teu saber, variado e intimo das grandes obras classicas do espirito, na poesia, na ficção, na historia, na filosofia; e tiveste a fortuna de poder viajar os olhos, completando a viagem mental feita pelos livros. E ainda maior fortuna é que não viajaste apressado. Possues assim para a tua leitura um aparelho de visão dobrada, a immediata

e a retrospectiva: vês logo o que ha na superficie e no amago, e relacionam-se aos teus olhos os antecedentes e collateraes da inspiração, do assunto e do livro. Ficas, porém, na attitude do sabio que não do erudito: entendes, gosas e explicas a obra, com segurança de opinião, mas sem dogmatismo; e a tua intelligencia esthetica e historica, persuadindo, ás vezes contrariando a opinião do leitor, não lhe arrepia a sensibilidade, nem desmembra e fragmenta, (como é commum aos analyistas,) para a impressão final, a obra de um autor. E como ás outras faculdades, que te facilitam o estudo de analyse, acompanha sempre a tua compleição de artista, no entender, no compor e no exprimir, a tua obra critica é ainda uma criação harmoniosa de arte, com a virtude essencial de que o nucleo formador é a mesma obra que analysas, não a pessoa do critico disfarçado sob pretexto de analyse. É um predicado esse, capital, e no entanto, muito raro. Só attendem a esse requisito os espiritos realmente sinceros, como é o teu. Poucos escritores dos nossos seriam capazes de estudar tão cabalmente e expor com semelhante intelligencia. serenidade, sympathia e despresunção a obra de autores estrangeiros, como tu fizeste com a de Leopardi, Garrett, A. Daudet, e Eça de Queiroz.

E ainda esses eram antigos ou mortos; mas no mesmo volume *Homens e livros* — ha os ensaios sobre Machado de Assis, Alberto de Oliveira, J. Verissimo e a contestação a um livro critico de Sylvio Romero; todos elles vivos, conterraneos e proximos; e soubeste ser exacto no apreço, discreto no louvor, gentil na censura. Reli tambem agora esse volume admiravel. Dezenove annos correram sobre elle, e não vejo o que haveria a mudar-lhe ao fundo e á forma. É um livro typico das tuas qualidades de escritor reflexivo e imaginoso, elegante e claro, espontaneo e medido, de largos recursos de cabedal e expressão, e para tudo dizer, attico. Não me acudiu logo esse epitheto justo, porque entre nós já tanto abusaram delle applicando-o a escritores, que apenas possuem com prendas negativas uma ou outra das virtudes caracteristicas daquelle estylo, conceituoso, engraçado, transparente, e honesto, formado como um crystal e com a luz propria da sua mesma essencia, e só adornado da belleza que reproduzia. Se foi elle que ensinou a arte rhetorica, nada entretanto era menos rhetorico, no sentido do que é elaborado por arte: ali o pensamento é que era arte.

Ora o teu estylo affigura-se-me assim desde esse volume que foi o primeiro livro da tua madureza espiritual.

Os nove estudos que o compõem são nove obras primas do genero de critica, tal como eu a estimo, unica verdadeiramente util, porque não constrange a obra aos preconceitos de systema nem a contorce ou esguelha nos limites de um gosto, mas, interpreta-a,

particularizando-lhe o que tem de principal para o entendimento e a admiração. El a obra e o autor não ficam nem falseados nem deformados. Assim a fez outrora Machado de Assis, e aos seus estudos modelares sobre *A Nova geração* e o *Espírito de nacionalidade na nossa literatura*, podem reunir-se os teus, que lhe equivalem, que elle poderia subscrever, e até parecem ser delle proprio no estylo discursivo da sua primeira fase.

Não se illude o leitor com escritos dessa natureza; tem a impressão tranquillã de que aprende em lel-os, de que ouve um escritor nato que se revela naturalmente, e conta os segredos do officio. E observo que não é cômum essa faculdade de critica expressiva: e até escasseia nos grandes creadores. É possivel que em muitos delles a operação artistica se processasse mais por instincto que por intelligencia, e que elles mesmos não soubessem recapitular o methodo da creação, nem distinguir o que foi nelles original e forte. Em verdade o talento critico, por si valioso e creador sob certo aspecto, não é condicional da creação; e se coexiste com as outras faculdades no talento, para que não as amortença, ou não as entrave, é preciso que o escritor não o exercite continuadamente, e ainda inflúa para que elle se reduza por inacção ao estado instinctivo ou sub-consciente. Estro não comporta simultaneidade de analyse, que seria para elle como um constante verter de agua fria na que estivesse para ebulir: do que resultára não fervura, mas mornidão. E não sei a que mais perdure, a que menos canse a admiração, se a obra impulsiva, irregular, desigual, defeituosa, mas possante, ou se a obra muito perfeita, que rescende ao labor, e pela sua continua regularidade adormece as impressões. Ainda ahi o meio termo é o melhor: e para o realizar é preciso o estado de producção em que o estro já teve a sua força orientada pelo gosto, que é uma resultante da critica sub-consciente.

Tinhas na obra de critica a occasião de ganhar renome, dos maiores que se poderiam fazer aqui; mas foi bem que a deixasses pela outra de creação mais ingenua da tua poesia. E nisso tambem levas uma distincção que não alcançaram muitos escritores nossos, a faculdade de ser poeta em prosa e verso. Em geral uma das formas de expressão, mesmo nos que logram possuil-as, acaba prevalecendo; e quasi sempre o predominio é da prosa, que, sendo a do sentimento reflectido responde á condição do espirito affeito á experiencia dos annos. Difficil é preservar entre misteres da razão e no commercio da vida social, aquelle doce espanto d'alma, que sobre o que aprende, preserva o matiz da ignorancia do sonho. Tu vaes demonstrando esse quasi milagre.

Bem significativo sob tal aspecto foi *Balladas e phantasias*, esse para mim tão precioso livro, pela dedicatória que ha 20 annos

consagrou publicamente a nossa amizade. Acabei de o reler agora; e não estranhes a duvida que me fica sobre o numero de leitores, que já o tiveram sob os olhos attentos. Pois que não o vejo em tantos livros que tanto citam, mencionado sequer: nem o nome do autor do *Himno a Loïe Fuller*, *Dido*, *O Samba* e *Symphonia dos sinos* apontado entre os grandes prosadores da nossa lingua. Obra de poeta, como o previne o titulo e a advertencia, não a veste a linguagem chamada *poetica*. A tua prosa é nitida e pura; não esconde versos intencionaes, nem se adorna só para os ouvidos; o seu rythmo é como o das aguas fundas, interior, e apenas ondulante; não lhe vem a musica de toque accidental, senão da continuidade vibratoria da propria essencia feita de emoção e pensamento. Seria esse o vaso apropriado para a traducção de poesias estranhas, transfundidas realmente na alma do traductor. Fôra como a ampla tunica dos antigos, que permittia a liberdade de attitudes, comparativamente á veste moderna, ajustada, uniforme, em que só os olhos por costume não vêm o que ha de contrafeito e estreito. Em verdade o que desde então caracteriza o teu estylo, não obstante nada ter de oratorio; é a amplitude dos membros e o relevo do conjuncto; a sua efficacia está na proporcionalidade, mais do que no contraste entre as partes; é menos pittoresco do que escultural; menos melodico, do que harmonico; não se lhe destacam frases mais bem feitas umas que outras; nem epithetos que brilhem, nem conceitos que cantem solo. Não é um mosaico nem agrupamento de quadros; é antes como uma estatua, uma orchestra, um templo. Entre elle e o leitor, não se interpõe a impressão de uma arte; ha um assunto, uma idea, uma scena, uma belleza, que se recebe, se vê, se medita e se sente. Abstrahe-se o escritor, vive-se o escrito; e quando aquelle, nas raras vezes que o faz, assoma para commentar, é como se a propria voz do leitor estivesse murmurando, ou como se fôra um companheiro de contemplação, amigo opportuno que não intruso, a traduzir-lhe a tacita reflexão em pensamento alado. Esse é o modo natural de contar e escrever.

E a naturalidade, que por si mesma encanta, é accrescida em effeito pelo boleio musical dos teus periodos, sem aspereza de composição ou de contiguidade. O entrelaçamento delles, como o das frases que os compoem, é feito em curva lenta de espiral pelo pensamento que assim se desenvolve e desenrola; e por isso no seu todo, cheios sem superfluidade, elles não são difficeis nem redundantes, nem complexos, e deixam ao primeiro olhar recapitularem-se até os seus primeiros elementos, como das curvas de um novelo se pôde facilmente chegar á singeleza do fio que os faz. Corresponde essa composição á estrutura do teu pensamento, claro, largo, desatrubado de uma germinação pausada.

Não a imitarias de outrem, ainda que o quizeses; é tua pro-

pria e resultou da feição e do temperamento de teu espirito. Quando muito lhe terias reforçado o contorno por sympathia e estudo de alguns escritores affins, p. e. Alexandre Herculano e pelo convívio dos escritores da Italia, nos quaes é mais sensível e directo o módulo romano. Os que pretenderem ensinar — se se pôde ensinal-os — ou sómente mostrar, os segredos da arte de escrever, terão nas paginas de *Balladas e phantasias* e de *Ariadne* multiplos exemplos para a lição admirada e desenganadora dos aprendizes de estylo.

Sobre a expressão importa ainda o que se conta e se aponta: a diversidade das scenas, o sentido dos actos, a realidade das figuras, a força das emoções, a graça e a viveza dos colloquios, os estados de consciencia humana ante o seu mundo e o seu mysterio, e dentro della a multiplicidade dos sentimentos de attitudo, minutos que fazem as horas, horas que fazem os dias, dias que fazem os annos, dessemelhantes entre si, mas ao cabo uniformes e equalados em dor e melancholia.

A mesma suavidade da recordação dos dias felizes é, na felicidade que perdura, a certeza de uma falta, o travo de um desengano. Assim é a graça daquelle *Minuete* dos dois velhos que se acabam. Como se desfolha e como cahe desfeita e murcha, quaes folhas mortas em tardes de outomno! A. Daudet não lhe daria tonalidade mais suave de illusão demasiada. A ballada toda é um sorriso a pouco e pouco desfeito em lagrima! Sob a alegria dos dois velhinhos perpassa a surdina da saudade, quasi do ridiculo, que é o forro do tragico.

N' *O Samba* ha um batuque de escravos em noite de S. João, mas as mesmas notas do canto e da dansa despertam a saudade dos mortos; nos ares contentes e lubricos sussurra a theoria dos que soffreram e recontam o seu soffrimento; e sem o pensar, compuzeste, em linhas e notas de ballada, a epopéa da escravidão no Brasil: epopéa em que o heroismo foi a humilhação e o desespero gemido.

Heroismo e tragedia ha em *Depois da batalha*: paginas viris e sobrias de vingança derradeira do amor. E amor ha em todas as paginas; onde não o ha em paginas de poeta? A arte está em mostral-o em seus varios aspectos; tumular como o da sombria *Wilhelmina* e o da *Melancholia medieval*; queixoso e solitario como na *Visão nocturna*; caprichoso e diabolico em *O capricho de Elpha*; sobrehumano como o da *Estrella*; profundo e vão como o do creador de *Dido*; ou na sua forma lendaria de adoração ao bem divino em *O Natal de Frei Guido*; ou de sympathia fraterna com a natureza e as suas creaturas, como em *Um cão*, que é um hymno de doce piedade, como devêra cantar a bocca de S. Francisco de Assis. A poesia profunda é irmã da santidade, e aquelle

santo não teria dito com mais singeleza a sua pena do cãozinho leproso, que soffria de viver.

Mas a belleza, a pura, a que se abstrahê do sentimento activo, incorporea, arte perfeita, composição de musica, palavra, pintura e escultura e dansa, cada uma e todas simultaneas ou successivas, como um desdobramento alternativo de luz nas côres do prisma; a belleza ideal é o *Hymno a Loie Fuller*, por si bastante para definir a força total de um artista de estylo; e tão vivo no seu movimento e no seu brilho, de tanto relevo na sua configuração, que faz esquecer a sua realidade immediata e supprime as condições extrinsecas de efficiencia esthetica, que são o tempo e a distancia.

O presente só dá prestigio á verdade que se vae vivendo; para a que nos commove em imaginação, é um elemento neutralizador. Não ha arte, não ha pelo menos poesia, na occorrença de *hontem* ou de *outro dia*; ou no ambito que os olhos actualmênte percorrem. A transfiguração requer um intermedio, que é o desconhecido, alem do qual fiquem o tempo e o espaço.

O teu engenho bem entendeu esse requisito da criação artistica, e não o descurou, como outros que sem o quererem e sentirem, descahem na actualidade e trivialidade do jornalismo.

A tua poesia é humana, quanto pôde e deve ser a alma de um poeta; mas a tua arte não lhe consente o contacto de familiaridade com o publico. Não impedes ao sentimento que elle ouça, escute e fale ao primeiro transeunte, mendigo ou animal, que se deparar em teu caminho, mas passado o encontro, lavas as mãos, e calças as tuas luvas: assim, convertido em inspiração o teu sentimento, repugna-te que lhe fique o vestigio do que é vulgar, commum, mesquinho ou pobre. A indole do teu espirito requer a expressão enluvada; aristocratica a tua arte, por necessidade que não por intuito, afastará por ventura da tua obra a attenção dos que se comprazem muito em ler jornaes. E é a tua fortuna. Popularidade, que perdura, — um anno? — se não é vã, no sentido mercantil do livro, é plenamente illusoria; e ha um unico illudido, o autor, se a gosa; elle se desfigura e perverte e em breve deixa de ser o que devêra. A popularidade efficaç é outra, é a das gerações futuras e successivas, é a que se chama gloria, e com essa podes contar confiante. Ella estimará *Balladas e phantasias*, e ha de sentir *Ariadne*, cujas paginas, nomeadamente *Quasi parabola*, *Deante de uma estatua de Hermes*, e *Uma caçada*, não terão nas que lhe houverem deixado os nossos escritores daqui e de alem-mar muitas outras que se lhes vantagemem, nem muitas que se lhes comparem.

Não é só pela escritura perfeita; é pelo pensamento, pela qualidade e o alcance da tua visão mental, pela cultura que ellas reveem, pelo theor de tua propria intelligencia. És um espirito

serio, e é já uma vantagem para os que te leiam; tens fé, o que é um conforto para os que te ouçam; porque ella, profunda, essencial, sem laivo de sectarismo, abre-te os olhos complacentes para todas as fórmulas de crença, dá-te a comprehensão de todos os estados de alma, a sympathia por todas as duvidas, e a tolerancia para com todas as affirmações; e não te esqueces de que és homem; e a consciencia de tuas falhas humanas é um vehiculo de piedade pelo erro, e pela propria violencia do desespero. A morada em Roma, que para outros podia ter sido nociva, foi uma naturalização de teu espirito no mundo humano. Se pela saudade cresceu em teu coração o amor da tua terra, não perdeste o sentido ubiquo de que ella é uma pequena parte da terra maior, e a humanidade que a habita uma só familia, a quem a luta da fome divide, mas a identidade do soffrimento necessario reúne e preserva. Sabes discernir o determinismo das variações e das vicissitudes; assistes á dôr, vês a grandeza, e lembram-te as grandezas cahidas; e em vez de prégar, o que é inutil, descreves e falas, com a serenidade de um artista, compondo em pequenos quadros a tua visão do mundo.

Conheço outras paginas tuas ainda inéditas, alguns contos fortes como *Os Conspiradores*, alguns capitulos de um romance *Entre a taça e os labios*, e todos têm o mesmo cunho de equilibrio e inteireza classica. E não vacillo em chamar-te, não um scintillante — não o quizeras ser — mas um grande, um perfeito escritor, ou antes, poeta da prosa...

...e do verso. Mas deixa-me dizer-te o que provavelmente ainda não ouviste a nenhum delles, os que te admiram os talentos — e particularizo os homens de letras, prosadores ou poetas — admirando-te sobretudo a prosa, não têm pelos teus versos o apreço devido, ou fazem-lhes em conjunto varias restricções. Talvez porque os tenham lido em paginas menores, ou só applicassem ás outras uma leitura indifferente. Ou por causa da propria excellencia da tua prosa. A capacidade admirativa em relação a contemporaneos e vivos, limita-se no costume, e na tenencia, que é um premonitorio de cansaço, a classificar as admirações. Uma vez firmada a categoria, obra de outro genero que surja, encontra desconfiança. Só aos mortos se admite a multiplicitade do engenho.

Mas não será só por isso; serão tambem por influencia do gosto peculiar ao tempo e meio. Não tens eloquencia verbal, nem a tua palavra expande brilho de superficie. Predicados esses, accessorios do verso, ás vezes o desvirtuam; e no entanto, como são os mais sensiveis, constituem aqui o principal titulo de agrado e renome. Não importa que, por effeito do mesmo renome, o uso lhes empane as côres e descubra a deficiencia. Haverá sempre ouvidos virgens para

a novidade antiga, e as gerações que se succedem, preservam a continuidade do louvor.

Ha que considerar tambem o vario entendimento do que seja poesia.

Das outras artes sabem todos, artistas ou não, o objecto dellas: será differente a qualidade de impressão que produzam, mas de cada uma se conhece préviamente a natureza da sensação que se vae ter, especifica, particular: á pintura, á architectura, á es-cultura, cabe o que é visivel, imagens concretas ou combinação de linhas; e até a musica, a menos definida, tem um limite de imitação ou suggestão.

Para a poesia ha o illimitado; e justamente o difficil é dentro desse ambito sem fim acertar com ella para realizal-a; porque, se tudo lhe pode ser objecto, somente o é com uma espontanea e viva correspondencia subjectiva, que produza emoção singular e intensa e a sua necessaria communicação.

Mas ainda não são bastantes a sympathia essencial do objecto e o dom da expressão adequada para formarem um poeta de facto. Essa virtude é o accidental que a converte em realidade; a criação da poesia requer condições e circumstancias indeterminaveis, alheias á intenção, á vontade, ao esforço do creador.

Somos todavia os homens, todos, poetas em possibilidade, ou mesmo em actualidade passiva; e é o que explica o sermos capazes de entender os que o são de facto. Em verdade possuímos as forças e os órgãos emotivos: temos os sentidos, as sensações, os sentimentos, o dom da palavra; e vivemos socialmente. Cobre-nos o mysterio, e o infinito, e visita-nos o sonho. Somos — usando o velho simile — cordas vibrateis, de uma harpa exposta ao ar; as ondas dos ventos tocando-as dão-lhes a vibração, o som o a musica. Mas os ventos ondulam fóra da influencia do nosso quadrante, que apenas serve para registrar-lhes a passagem. Ou correm tão fortes e tantos e varios que neutralizam a faculdade vibratoria das cordas. Dá-se então á inercia. Os sentidos embotam-se na mesma sensação repetida, e é como se a vibração coincidissem com o agente vibrador; a constancia do mysterio familiariza-nos com elle; os sonhos perdem a sua feição maravilhosa, na correnteza da necessidade quotidiana: e até os sentimentos se regularizam. E como é preciso porfiar pacificamente para subsistir, a poesia do maior numero dos homens se objectiva nas fórmulas practicas, utilitarias, rituaes, e politicas da existencia social, que por sua vez procria uma multiplicidade de combinações de actos estheticos imprescindiveis. A acção laboriosa é um derivativo do espanto interior; e a vida em collectividade trasmuta-se em espectaculo permanente em que os usos e as instituições já corporificam um ideal. Os que assistimos, no tablado que é ao mesmo tempo amphitheatro, somos como

cégos e surdos, quasi mechanizados para a belleza intrinseca das coisas; só a vemos e ouvimos pela tradição, pelos olhos e pela voz dos que tiveram a revelação creadora.

Não o destino por ventura, mas o acaso deu aos creadores a força exterior da poesia. Por uma occorencia, ás vezs minima, e uma conjuncção e um seguimento de circumstancias, operou-se nelles a identidade de objecto e sujeito, com a sua correlata coexistencia dos contrarios. 'O idealismo absoluto concebido por Hegel, absurdo talvez como explicativo da percepção racional, deve ser o estado necessario da poesia activa. Phenomeno instantaneo, como o fulgor de um relampago, é comtudo tão intenso que, uma vez occorrido, imprime em quem o soffreu uma caracteristica de visualidade, e constitue, se se repete, um habito de natureza. Ainda porém esse resultado é contingente, subordinado ás circumstancias que podem reforçal-o e assegurar-lhe continuidade, ou interrompel-o e extingui-l-o. Relativamente aos primeiros poetas, foi a revelação da faculdade divina do espirito como a transmissão do fogo celeste feita por Prometheu aos homens. Ficou na terra o dom; podia apagar-se uma chamma; renascia a scintella escondida na cinza quente de sob a qual outro homem soubesse ventilal-a; e no decurso dos tempos, da propria natureza aprenderam, já affeitos ao fogo, a attritar e lascar a semente do lume. Assim foi com aquelle segredo do espirito creador da poesia: ficaram as formulas que primeiro a traduziram; aprendeu-se a arte de compol-a; e a linguagem era já o alado vehiculo das primeiras imagens.

E como do fogo engenhou a industria do homem o meio de conserval-o e repartir-lhe a força, e descobrindo-lhe a agitação originaria, imitou-a e reproduziu-a pela synthese chimica, multiplicando-lhe a possibilidade nos phosphoros portateis, e ainda lhe accumulou e subdividiu a essencia vibratil, etherea, fluida e instantanea dos raios; tambem da poesia já não era mister que cada homem a produzisse e guardasse; os versos que a transmittiam contentavam a aspiração do ideal, ou eram como scintellas de inspiração mediata, ou serviam ao gosto de imitar, que é innato no homem e lhe dá a illusão e o prazer da elaboração creadora. Havia materia para uma nova arte, que suppria com o labor do engenho paciente a doçura dos momentos de infinito, gerados pela presença aleatoria da divina força no espirito humano.

Superior á vontade, mas accessivel á esperanza, qual desejo a aguardaria paciente, sob tantos estímulos que o amor de gloria desperta? A arte é uma enganadora das horas de espera. Multiplicaram-se os artistas de poesia, poetas ou não; e quem, senão o tempo, tem autoridade para discernil-o e dizel-o? Quem dirá os que imitam e os que produzem de si mesmos? Quem já no illimitado da poesia pode fixar por definição o que é objecto de poesia? Dizem-no as

poeticas, e as poeticas se contradizem; os proprios poetas se julgam uns aos outros desvairadamente. Confundiram-se as peculiaridades artisticas; mas por um consenso tradicional, particularizaram a poesia na linguagem de *rhythmos* equivalentes ou correspondentes. Era o meio *summario* de limitar o inconfinavel, pelo criterio mais facil do apparente, que no emtanto nada resolvia, nem no que respeito á essencia, nem no que respeita á expressão. Continuou confuso o que deve ser a materia da poesia; e ao mesmo character apparentemente distinctivo, houve grandes poetas que o amullaram, rebaixando-o ao grau secundario de um uso de convenção.

Shelley affirmou que «a divisão popular em prosa e verso era inadmissivel no ponto de vista de uma filosofia exacta» e que «a distincção entre poetas e prosadores era um erro vulgar.» Também, segundo Leopardi, foi o uso que determinou que o poeta escrevesse em verso. «O escrever em verso não resulta da substancia da poesia nem da sua linguagem e modo de exprimir as cousas.» «Em substancia, e por si mesma, a poesia não está ligada ao verso.»

Mas ambos, se eram grandes poetas, eram igualmente grandes filosofos; e a filosofia é um circulo de affirmativas e negativas, em constante giro movido pela subtiliza. Poucas linhas antes, Shelley tinha escrito: «Os sons, tanto quanto os pensamentos, tem relações não só uns com os outros como com o que elles representam; e uma percepção da ordem dessas relações sempre se achou ligada a uma percepção da ordem das relações do pensamento. E é por isso que a linguagem dos poetas affectou sempre uma especie de volta uniforme e harmoniosa de sons, sem a qual não haveria poesia, e que é quasi tão indispensavel á communicação de sua influencia, como as proprias palavras, independentemente dessa ordem particular. D'ahi a vaidade da traducção; fôra a mesma cousa lançar uma violeta em um cadinho afim de descobrir os principios da cor e do cheiro, que é o procurar fazer passar de uma lingua para outra as creações de um poeta. A planta deve renascer da sua semente ou não dará flor; e é ahi que se sente toda o peso da maldição de Babel.»

E Leopardi, em outro passo do seu *Zibaldoni*: «Não só na lingua franceza, como observa M.me Staël, mas ainda em todas as outras modernas, parece ser a prosa mais conforme do que o verso á poesia moderna. Mostrei alhures o em que esta devia essencialmente consistir e quanto ella é mais prosaica do que poetica. De facto, ao passo que lendo as prosas antigas, chegamos a desejar ás vezes o numero e a medida, *tal a poeticidade* das ideas que ellas contem (não obstante ter, pelo numero e por todas as outras qualidades, a prosa antiga tanto de versificação); ao contrario lendo

os versos modernos, até os optimos, e ainda mais quando tentamos nós mesmos pôr em verso pensamentos poeticos, verdadeiramente proprios e modernos, acontece desejarmos a liberdade, o desembaraço, o abandono, a fluidez, a facilidade, a clareza, a placidez, a simplicidade, o desadorno, o judicioso, o serio, o solido, o pausado, o chão da prosa, como mais harmonizantes com aquellas ideas que quasi nada tem de versificavel.»

É evidente a contradicção de um e de outro; mas ella accentua bem que, se para a distincção da poesia e da prosa não ha base na simples exterioridade da forma, de prosa e de verso (visto que ha prosa com poesia e verso sem poesia) ha contudo uma distincção essencial entre a poesia da prosa e a poesia do verso. Mas nem Shelley nem Leopardi chegaram a definir-lhes a differença. Sentindo-a como poetas que eram e prosadores, faltava-lhes por ventura a percepção da causa dessa differença. Não é arbitraria a escolha do verso ou da prosa; ou somente o é, no caso em que a intuição é supprida pela reflexão, a espontaneidade pela vontade, em summa quando não ha verdadeiramente poesia, senão simulacro de poesia, como é frequentissimo. Um poeta genial, Shakespeare por ex., creador, insubordinavel a convenções e imitações, não seria por méro capricho, ou por gosto de variedade, que algumas vezes no dialogo de seus dramas deixasse o verso pela prosa, ou ao contrario, começando em prosa uma peça, a certa altura adoptasse o verso. Esses casos frequentes, inexplicaveis por um motivo de arbitrio, e menos por falha de technica, deviam dar justamente, num poeta supremo, a razão da differença essencial da prosa e do verso, admittido que ambos se prestam á expressão da poesia. Interpretou-a um dos notaveis criticos anonymos do *Times*, supplemento literario: «A differença entre a prosa e a poesia em obras de imaginação—declarou elle—está principalmente na rapidez do pensamento; Shakespeare podia pensar rapido ou lento, segundo o estado do seu espirito; podia demorar-se como um epicurista sobre o character de homens e cousas, até mesmo quando eram feios ou absurdos, pelos quaes Milton passaria em arremetida de irritada impaciencia.»

Parece-me exacta a explicação; e faz-me atinar a causa do descontentamento intimo do espirito na admiração de muitas obras de verso, em que todos os requisitos de technica e a mesma escolha do assunto annunciavam a inspiração verdadeira da poesia. A condição differencial conjuga-se, como a causa ao effeito, a qualidade de inspiração, a feição espirital do escritor, a natureza ou antes a fase da sua intuição. Operada a indentidade de objecto e sujeito, o pensamento pode exprimi-la tal qual, e é como uma criação instantanea, ou pode applicar á imagem ou serie de imagens recebidas, a reflexão e a analyse, e ha então a criação pausada, circunstanciada que caracteriza o estylo da prosa.

É claro que o espirito não trabalha sempre e absolutamente por um só desses processos; raro é até que o faça; e d'ahi resulta o haver, ainda nas maiores obras de poesia, parentheses, mais ou menos longos, de versos, menos adequados como forma, embora bellissima, do que fôra a prosa; e tambem numa grande obra de prosa trechos de emoção intensa e pensamento rapido, excluidos de circumstancias, para os quaes o verso fôra a expressão mais conveniente. Quem os possuísse a ambos, verso e prosa, e tivesse a compor a obra de representação directa da vida, qual é o drama, faria como Shakespeare; mas ainda fôra mister ser como Shakespeare, livre de tudo, nos surtos de seu vôo.

Qualquer porém que seja a obra, poema de expansão ou representação, é necessaria a pausa de ardor de inspiração; e não ha defeito na inferioridade, no caracter prosaico, dos versos de interval-o. Seria contraproducente, e até impossivel, a continuidade da emoção; seria como a continuidade de um relampago, que, a tel-a, já não daria o effeito de relampago; seria como a fixação do olhar no disco do sol: cessaria aqui a capacidade de ver, alli a de sentir. Foi o que sentiu e entendeu Edgard Poe, dando á poesia o caracteristico de aguda excitação de alma, incomportavel por maior tempo que o de meia-hora.

Não advertiu porém o poeta, imaginoso logico, o excesso conclusivo da sua logica, ao negar os grandes poemas, sobre o fundamento de que sendo as excitações, por uma necessidade psychica, transitorias, o grau de excitação que é o requisito do poema, não pode ser mantido atravez de uma composição extensa; depois de meia hora, no maximo, a excitação afrouxa, descahe, segue-se uma reacção, e o poema, em effeito e facto, deixa de o ser. E concluia que não ha poemas epicos, senão series de poemas lyricos; e exemplicando-o com o *Paraíso perdido*, demonstrava a sua logica, mas não a inanidade dos grandes poemas, porque no seu mesmo exemplo provava mais do que lhe convinha. «Se — dizia E. Poe do *Paraíso perdido* — para preservar a sua unidade, a sua totalidade de effeito ou impressão, o lermos (como fôra necessario) de uma assestada, o resultado será uma constante alternativa de excitação e depressão. Depois de uma passagem do que sentimos ser verdadeiramente poesia, segue-se, inevitavelmente, uma passagem de chateza, que nenhum preconceito critico nos pode fazer admirar; mas se, completada a leitura da obra, a lermos de novo, omitindo o primeiro canto — isto é, começando pelo segundo — ficaremos surpresos de achar então admiravel o que antes tinhamos condemnado, e aborrecido o que anteriormente haviamos admirado tanto.»

Inferir dahi que não ha nenhum grande poema epico, importa em reconhecer que não pode haver tambem nenhuma collec-

ção de poemas lyricos, em relação aos quaes, lidos de uma assentada, occorreria equal alternativa de prazer e aborrecimento.

Mas o que me interessa nessa conclusão enganosa é a observação verdadeira, de que é relativo, precario e pessoal o valor da obra de poesia, a mais profunda e vasta das artes; e a mais difficil; porque requerendo, para se completar, a inteira e viva correspondencia do leitor, mais do que as outras artes que só fallam aos sentidos e á emoção, ella tambem se dirige á intelligencia e á cultura no que se refere á expressão, á lingua, e ás ideas, alludidas ou declaradas, componentes da experiencia moral e mental do poeta e como taes formativas do numero e da amplitude dos objectos, identificados com o pensamento creador.

Não seria desarrazoado affirmar-se, como o faz a philosophia idealista a respeito do mundo physico, que a belleza e a poesia, a maior expressão della, só existem na commoção intelligente do leitor; e que num mesmo leitor — tal o caso figurado por E. Poe — ella pode ser e deixar de ser, segundo as vicissitudes do estado de espirito, do seu humor, da sua attenção, em summa das multipas influencias que lhe acondicionam a sensibilidade em cada momento. Admittidas as alternativas e variações num só leitor; que se não pode conjecturar das alternativas e variações de um grupo, de multiplos grupos, num determinado paiz e tempo e no maior numero de paizes e de epochas? Desconto, é claro, o que ha de convencional e rotulado, como consenso humano, no qual cada homem, que o allega e respeita, não tem de facto nenhuma copartição de intelligencia. Ha em literatura canonizações que são como epitaphios em jazigos perpetuos, cujo tampo se contempla sem levantar. A um grande autor consagrado, ainda os raros que o leem, não o lêem com os proprios olhos, senão com os dos que primeiro o louvaram. E não é frequente o caso em que o louvor tivesse sido feito por contemporaneos.

Mas, acima do valor precario e dependente da sympathia e intelligencia alheias, ha uma condição que não soffre das vicissitudes do leitor; é a constancia do processo de criação. Para que uma arvore exista, não importa a consciencia dos que não a distinguem na floresta; a luz não é menor, porque não a tenham todos visto; bastará que um a veja, e o diga, e a aponte aos que não a viram; nem ella se apagará, se não é das que ardem por contacto e se consomem, mas das que fulgem da essencia intima e espontanea que irradia.

Tu, meu amigo, menino e adolescente, quando te conheci, accendias tu mesmo e em ti mesmo a tua poesia; e ainda hoje, em meio curso da vida, erguido ao mais alto posto da tua carreiral official, perseveras em fazel-o, com a candura, o enlevo, e a necessidade, com que o homem rustico accende o seu lume de sob

a cinza do lar antigo. Não que faças poesia rustica; mas sob todas as feições de civilizado, não se te mudaram os olhos, a alma e o theor espontaneo de creança.

Obra só de vontade, proposito mental, esforço imitativo, amortecem com os annos: ainda que a perseverança se nutra e renove de estímulos repetidos. Exhaure-se a força, esteriliza-se o pensamento; e a fadiga prematura predispõe ao tédio da já inutil e falhada tentativa. O mesmo talento literario, genuino e forte, que expande o seu primeiro viço em flor de poesia, se esta é somente o luxo de exuberancia juvenil, o ensaio de adaptação, a ardentia de folhas tenras, que ainda não fixaram seu colorido proprio; elle não a renova, e naturalmente prosegue a sua expansão sob a forma e o character a que o predispõem o estudo e as circumstancias; o que surgira poeta, é agora ou critico, ou filosofo, ou publicista, ou romancista, ou politico, ou ensaista.

Nenhuma profissão, não obstante a illusoria apparencia, é menos apropriada que a tua, ao labor das letras, e particularmente da poesia (excluida a expressão inferior do brinquedo ou gracejo mundano de salões); poucos os incentivos eram os teus; longe da patria e entre gente extranha; e sendo quasi negativa a condição do homem feliz, repousado e assentado na vida, entre duas afeições completas. A sociabilidade, as obrigações multiplas do cargo representativo deviam dispersar-te o espirito, o cuidado e o trabalho intellectual nas formas brilhantes, de pronto effeito e desvanecedoras, da conversação nos salões exquisitos e luzidos. Ora, ao contrario, a par de tua obra de prosa, critica, ficção, viagens, publicaste já em verso: *Procellarias, Horas Sagradas, O poema da paz, Odes e Elegias*, e tens a publicar outro livro quasi pronto: *Laudes do jardim real de Athenas*, e continuas compondo, entre contos, e romances, outras poesias, necessariamente, como as plantas dão folha e flor, e as fontes dão agua, e as abelhas dão mel, e os passaros dão canto.

Só isso já demonstra que és tambem poeta em verso, e não pequeno poeta, e não poeta qualquer. O teu valor de distincção, notavel antes mesmo de uma analyse mais intima das tuas poesias, aponta e resalta no só facto de que não és um epigono. Não continuaste os que, durante a nossa adolescência e mocidade, predominavam na obra poetica brasileira. Era direito que elles influissem em teu espirito, bastava para isso admirar-os e todos os admiravamos; e com a influencia accrescida dos poetas europeus, mestres delles, deveria resultar nas tuas composições, como na de todos do nosso tempo, uma feição de parentesco, quasi domestica. Mas se esse traço commum transpareceu nos teus primeiros versos, quando os themas provinham do mesmo thesouro da historia e da lenda e da natureza, objectiva; já na tua poesia alguma

cousa era pessoal de inspiração e de *rhythmo*; eras tu mesmo, a tua alma, a tua sensibilidade, a tua experiencia dilatada atravez de uma cultura maior, e a indole de teu espirito, candido e cauto, entusiasta e reflexivo, alacre e melancolico, christão sem prejuizo de um certo paganismo irrompente, esperançoso mas de sentido subtil á duvida e á descrença, amoroso da vida e do amor, e serio, com uma percepção de um universo, que contem, mas abstrae a vida sensivel e o amor: alma de poeta, em summa, espelho de duas faces, uma interior, outra exterior, sem divisa ou limites philosophicos, sem programma de visão ou sentimento; aberta espontaneamente para todas as imagens.

Da obra de um poeta, quando se deseja fixar a sua caracteristica, o primeiro requisito de apreciação é o horizonte que ella abrange e dentro desse horizonte as especies de imagens que fixou, e o aspecto sob que se imprimiram. E é quasi definir-se a alma do poeta, a sua qualidade, os seus dons, as suas deficiencias, e a sua formação moral. Ou inversamente, considerada a existencia do poeta, e as circumstancias que o afeiçoaram, pode-se aferir o ambito e a modalidade da sua inspiração. Em outras palavras, é como, dados um ponto e um raio, o traçar-se uma circumferencia, ou, dados um arco e um raio, o verificar-se-lhes o centro. Se o raio é ahi o mediador geometrico, a obra poetica é o mediador logico entre o seu creador e o mundo que o envolve, o seu mundo.

Tu mesmo, tanto quanto é possivel a autographia por introspecção, fizeste o teu retrato esthetico e moral nos formosos versos em que figuras falando *A musa ao poeta*. Onde ahi não ha desenho, ha aspiração, que vale como um esboço.

«Vae, á graça de Deus. No exercito sagrado,
Que defende a arte pura eu te elegi soldado.
Com ternuras de mãe eu te beijei creança
Na fronte que aureolava uma ingenua esperanza;
E aos vinte annos, naquella idade inquieta e louca,
Com frenesis de amante eu te beijei na bocca,
Dando-te a embriaguez divina da chimera,
Que alegre como um sol, tua existencia austera.
Joven alma, em que sou perennemente joven,
Sei bem que seducções te enlevam e commovem...
Os feitos da epopêa, os temerosos lances
Da tragedia, o feudal segredo dos romances,
As galas da canção, as finuras aladas
Do madrigal, o *rhythmo* ingenuo das balladas,
Dos psalmos rituaes a severa harmonia,
A morbidez dolente e grave da elegia,
A vasta vibração magnifica das odes...»

E alguns versos atraz, depois da evocação e do retrospecto das eras e figuras do passado glorioso, olhando contigo a acção irreparavel da morte, a musa dizia-te:

• Para o abysmo o Passado, em cinzas feito, rola:
Mas de tanto esplendor perdido te consola
A cruz, que na amplidão dos solemnes espaços
Ella só, firme e santa — abre os piedosos braços. »

Toda essa poesia, que é bella em si mesma, e da qual, se não fossem todos, esses dois ultimos versos, elles sós, pela sua musica interior e larga, chegavam para provar a tua perfeita capacidade de restricta expressão poetica — essa poesia vale ainda como uma synopsis da tua vida qual era e continuou a ser por espaço de vinte e quatro annos. É que, salvo o que foi circumstancial, tinhas de ser o desenvolvimento do que eras naquelle tempo e desde teu berço.

A Musa em verdade sobre elle se debruçou na figura querida e santa de tua mãe, tua formadora espirital, tua companheira, que em ti, primeiro e unico filho, nascido como consolo na sua viuvez recente, em ti viveu, deu-te o sentido da existencia, e foi e tem sido como um halo de doce luz que te envolve e leva pelo mundo. E quando ainda a Musa se desdobrou em outra imagem de mulher, para beijar-te na bocca, foi em verdade em figura de angelical aspecto e pureza, que te enlaçou em suas azas e te reteve, deliciado prisioneiro, no seu amor de esposa. Por isso, e pela tua ingenua esperança do céu que te surgiu tambem no berço, o que transpira a tua existencia, o que se exhala da tua poesia, é a felicidade, o contentamento de existir, o goso da belleza, a intimidade da graça, o sonho da perfeição, o sentido omnimodo do amor. Não soffreste os espinhos e o veneno da vida. O que em alguns dos teus primeiros versos — os de *Procellarias* —, trazia côr e timbre escuros de tédio, pena e desesperança, não vinha de ti mesmo; era reflexo da poesia dos grandes dolorosos, cuja obra frequentavas e sorvias a fundos haustos de admiração juvenil. Quem pode resistir ao influxo prestigioso da arte? Um grande poeta faz de cada leitor um espelho que o revê. Entre os poetas que versavas, Lamartine e Garrett, tambem figurou algum tempo Byron, que eu mesmo te emprestei — lembras-te? Falavamos d'elle, ou melhor tu me falavas d'elle com enthusiasmo, uma tarde, sentado commigo num banco do Largo de S. Bento; em S. Paulo, meados de 1889. Tinhas dezeseis annos... Byron reforçava o effeito da leitura de Alvares de Azevedo e Fagundes Varella...

Mas Lamartine era já então, e supponho que ficou sendo sempre, um dos teus poetas favoritos. Os italianos que depois conhecestes e amaste, já encontraram acondicionada a tua alma de

artista: serena, confiada em si, á flor dos olhos para contemplar o mundo, com o amor da sua belleza, com a sympathia da sua diversidade, com extase ante o seu infinito; e recolhida, em pal-pitação de musica, revivendo no passado. Alma lyrica, onde quer que passes, quaesquer que sejam as vozes que a circundem, ella vibra em musica, e converte em harmonia os sons confusos, as lin-nhas obscuras por que vaes transitando. Não se pode dizer do teu espirito de poesia, que seja como uma lagoa, quieta, profun-da, de vida toda interior; nem como um rio caudal, amplo, ou aper-tado quando arremette e tomba em cachoeira e depois se espraia; nem como um braço de mar, em perenne ondulação e murmura-ção; mas é como uma fonte que se faz regato, e flue cristalino, sem vasa, sonoro entre seixos, múrmuro apenas entre as margens verdes, melancolico á sombra dos bosques, alacre e argenteo ao sol, e a reflectir o céu, as arvores, as imagens que se abeiram delle, pequeninas ou grandes, rusticas ou cidadans, de insectos do ar ou da terra, bipedes ou rasteiras; decorrendo sempre em sons de musica, formando ás vezes um breve lago, e ás vezes um salto de cascata, numa attitude menos de estorvo e violencia do que de alegria e victoria tranquilla. Essencialmente lyrica, a tua expres-são mais viva, mais caracteristica está nas formas que te deram o titulo a um livro — *Odes e elegias*; e são as que traduzem os dois sentimentos, ao parecer, discordes, mas em verdade harmo-nicos e necessarios do teu espirito: o encantado amor enthusias-tico da vida, e a melancholia de sentires que é transitoria a vida. Vê-se que se completam; o segundo resulta do primeiro.

Não tens revolta, nem desespero, nem a saudade, sentimento de solidão. Não te coube na estrêa da mocidade, como a Lamar-tine, uma grande dor, formadora da alma, iniciadora dos arcanos obscuros da vida, nos quaes a luz do sol se avermelha em treva. Não adquiriste pois com esse dom de pena o predicado da visão penetrante e intensa do coração; fahou-te o predicado da emoção aguda. Deficiencia embora, foi um bem para o homem, e ainda em certo sentido para o poeta. Sem os entrechoques rigidos do cora-ção, sem o aperto de alma, a tua visão não se turvou; e a serenidade do animo permittiu-te estendel-a e interessal-a alem do ambito pessoal. A tua emotividade, apparentemente, actualmente menor, é mais duradoura, mais profunda, porque reflecte entendimento mais extensivo. E essa qualidade te faz differente do maior nu-mero dos nossos poetas: nem mero artista cristalizador de ima-gens preciosas, nem trovador de magoas intimas, nem sonoro evo-cador de alegrias, nem dissertador de moralidades. Espirito plas-tico, repartido entre o enlevo da contemplação da vida e a melan-cholia do pensamento, o teu subjectivismo tinha de atenuar-se ás proporções de uma clave, que não de instrumento da tua mu-

sica, assim consentindo o arroubo da visão com o conceito e a filosofia do mundo. As duas formas a elle adequadas, eram, segundo o momento, a ode ou a elegia, as quaes tu, diversamente dos nossos poetas, espontaneamente escolheste por harmonia de inspiração, por affinidade de genio com alguns poetas gregos, que por ventura não versaste muito. Houve em Portugal e Brasil, por effeito de cultura classica, o uso e o abuso das formas da ode; mas a adopção da forma exterior nem sempre ou quasi nunca teve a correspondencia, no espirito poetico, da qualidade de inspiração do genero, que se não pode forçar. Em ti ao contrario essa qualidade de inspiração, a par com a outra elegiaca, é a que prevalece — sejam quaes forem as formas exteriores dos teus versos.

Deuses! homens! eu vi, eu vejo Hellena.

É o fecho de um soneto, mais é um puro verso de entonação de ode, e o grupo dos sonetos, de que esse faz parte, não é mais que uma disposição estrophica de um canto de encanto. Inspira-o o entusiasmo; e como ahi é a artistica belleza que o desperta; em outras composições é o amor — na *Ode triumphal*:

Deusa, que o meu olhar quer e procura,
Não receies descer do pedestal,
A que te ergueu, em soberana altura
O prestigio da tua formosura,
Deusa, deusa immortal!

Lá fóra, longe, tumultua o mundo,
Em baldas luctas... Tumultue embora!
Que vale o mundo agora?
O mundo — somos nós!

É o heroismo de um povo em *A Portugal no Centenario das Indias*:

Ó Tejo de ondas flavas,
Tejo de ondas ligeiras,
Com que amargura lembrarás aquellas
Eras de fausto esplendido em que viste,
Deixando em choro damas e donzellas,
Partirem os galeões e as caravellas!
Por fantasticas rotas,
Violando do mysterio as atras telas,
Affrontando tufões, syrtes, sereias,
E os mil perigos das regiões ignotas,
Iam avante as atrevidas frotas...
Já se calam do mar as roucas furias,
Surgem as ribas onde brisas calmas,
Impregnadas de aromas e luxurias,
Meneiam brandamente as verdes palmas,
E as orchideas purpureas...

Ó alma Portuguesa, agora exulta :
 E num protesto ousado,
 Repelle a ignara gente que te insulta,
 Clamando: Povo exausto e infortunado
 Que existe apenas pelo seu passado !

Em ti, Alma serena,
 O genio não morreu, nem a virtude ;
 E inda nas mãos da lusa juventude,
 Podem caber charrúa, espada, e penna...
 Alma complexa, que o ímpeto guerreiro
 Conduziu muito além da Taprobana ;
 E que exprimir soubeste, na profana
 Graça dos fados e do Romanceiro,
 A tua lyrica emoção humana ;
 Alma suave e pia,
 Alma candente e heroica,
 Leal no intento, simples na energia,
 No sentimento resignada e estoica,
 Doce no amor e na melancholia ;
 Eia, arranca de ti o manto escuro
 Dessa austera, apagada e vil tristeza ;
 Seja-te ainda o Gama palinuro ;
 Ha, quem sabe ? outras Indias no futuro,
 Ó Alma Portuguesa !

E é o amor da patria em *Ao Brasil*; admiração e affecto
 intellectual, em *A Garrett*:

Grande, és grande, ó Poeta ;
 És grande, mas amigo ;
 Não de hoje a fama tua me é dilecta,
 Nem tardio ao teu nome traz meu culto,
 Pelo rumor das turbas attrahido,
 O banal enthusiasmo não sentido,
 Que doe como um insulto...
 Crença ainda, balbuciei teus cantos.
 O fragor que por elles trovejava
 De batalhas tremendas ;
 A grita e o frenesi da gente brava,
 A ondulação do sol nos gladios nus,
 O brilho das paisagens e das lendas,
 Eram na ingenua idade, os meus encantos ;
 E eu, numa embriaguez, me desvalrava,
 Com tanto colorido e tanta luz !

E é o amor ideal da belleza e da arte em *A Venus capti-
 tolina*:

Ao Capitolio subo, ao Capitolio
 triunfador sem pompa ;
 o braço da victoria
 a aurea corôa de laureis não ergue
 sobre minha alta, pensativa fronte ;
 não me rodeiam em tumulto, applausos

e admiratorios gritos elevando,
soldados ebrios e brutaes escravos ;

Vou só, tacito e lento, na doçura
desta clara manhã de primavera,
pela avenida umbrosa,
onde irmanam seus tepidos aromas
a laranjeira e o mirto.

Vou só; mas ampla uma legião de sonhos,
de imagens e de cantos
me acompanha; e no rosto e nas pupillas
tenho o esplendor de um astro soberano,
que de nimbo visível me circunda.
E como um rei sou forte, e tal me sinto ;
pois eu commigo trago
a humana magestade
dos tempos idos, que inda em nós revivem,
e o supremo desejo
da Belleza perfeita, e a segurança
de a contemplar. Abri-vos,
portas de bronze!...

Eu amo este severo, immovel povo
de estatuas; mudas não, nem são inertes,
mas para o artista, que interroga e escruta,
eloquentes, vivissimas, no gesto
sempre igual, e na curva do sorriso
gracioso e magnifico, e na face
irada, voluptuosa e soffredora,
a Alma constante e una,
não como a nossa, inconsistente e varia,
revelando ao mortal. Entre as estatuas
eu dos homens repouso...

Ó Venus! ó Perfeita! ó Deusa eterna;
Venus deliciosa e formidável!

Sim, a ti é que eu canto,
a ti se ergue o meu verso!

E no *Hymno do amor*:

Não: para celebrar-te, não tenho, Adorada, somente
minha pequena voz, meus versos pallidos...

Meu coração dolente transforma-se em harpa sonora,
quando teu nome, como um sopro angelico,

lhe toca as fibras; tremem, palpitam, e em canticos vibram
todas; teu nome se harmoniza em canticos,

com tudo o que mais bello contem o universo rimando.

Não sei de nenhum outro dos nossos poetas que tenha tido
esse tom de inspiração, e logrado transpor ao verso

A vasta vibração magnifica das odes.

Nesse teu vivo e forte alexandrino ficou traduzida e fixada
em relevo a vocação e o molde da tua grande criação poetica.

Não foi assim por intuito innovador, de mera exterioridade,

que usaste, primeiro entre nós, e por ventura ainda o unico, os chamados metros barbaros; era o proprio rythmo da tua inspiração, vibrante de enthusiasmo, magnifica de amplexo mental, que requeria a amplitude dessas formas ondulantes, mais de harmonia que melodia, apropriadas á commoção complexa em pensamento, quasi impessol, e affim da inspiração dos côros lyricos dos gregos. E em verdade na nossa poesia, tu, immune embora de arcadismo, isento do parnasianismo, em contacto mais com a vida do que com os livros, actual em sociabilidade, tu és no entanto o mais, senão o unico dos nossos poetas, comparavel a algum dos lyricos gregos. A ode foi uma das modalidades genuinamente gregas, que nenhum povo ainda logrou assimilar, salvo entre os romanos, Horacio, alumno immediato da poesia lyrica hellenica.

Tambem é grega a tua elegia, porque não tem, o que aliás tu mesmo prezas na dos outros, «a morbidez dolente e grave»; a tua é apenas grave e melancholica, como um som que discorre, ás vezes sotopostó ao sustenido das altas vozes do enthusiasmo, ás vezes destacado, como uma nota de crepusculo, mas suave, e ainda colorida:

Não me coroes, Alma querida, de rosas: o encanto
da Juventude é efémero: e a minha é quasi extincta.

Tambem não me coroes de louros: a Gloria não fala
ao coração, nem o ouve; passa longinqua e fria.

Coroa-me das heras, que abraçam as graves ruínas;
são da humidade symbolo, e da tristeza eterna.

Aurora e crepusculo são as duas feições nitidas da tua inspiração; mas como em manhã e occaso, as côres são communs, são sempre effeito de irradiação de sol; as nuvens quando as ha, refrangem ellas mesmas a luz, e as sombras são móveis: ha sempre o sentimento da vida presente, o goso della, quando muito uma saudade, só presentida: nunca a tréva da noite completa. E nessa palheta tens côr para a inspiração, que entre o enthusiasmo e a melancholia, te incute o mundo, o universo das cousas e dos homens, na sua realidade e no seu destino. A fé christan e catholica seria possivelmente um factor de tibieza de inspiração: pois que a fé consola, acalma, adormece; mas não és um crente raciocinante e dogmatico, senão de sentimento, e o sentimento soffre, sem desnaturar-se, a inquietação, a duvida, e a palpação do desasocego interrogador.

E por isso a tua poesia não se limitou no seu exercicio del reflectir imagem e refluir emoção. És dentre os nossos um dos que mais abrangeram poeticamente a vida. E esse é um dos criterios de avaliação da poesia. Se esse falhasse, os teus versos teriam para suppril-o a sua propria belleza artistica. Já nas *Procellarias*,

algumas composições como *Rosa chá*, *Sextilhas antigas*, *Ode triumphal*, *Dante*; nas *Horas sagradas*: *Belleza musical*, os *Bronzes florentinos*, as *Odes cívicas*; *Na Vida e Sonho*: *A Hellena*, *Identificação*, o *Romance Lyrico*, *Cupio dissolvi*, bastariam para o confronto com os que mais apuraram a technica do verso em lingua portugueza. Mas eu me contentava, para julgar-te, como artista e como poeta, das tuas *Odes e elegias*. Não, não te releram aquelles versos, nem attentaram neste livro, os que sobpõem em ti ao prosador, o poeta.

Magnifico prosador sim, és tu, mas tambem, alto e nobre poeta do verso, grego pelo theor da inspiração e pela sciencia do rythmo, distincto entre quantos versejaram na lingua portugueza, e já, sem favor, na tua expressão particular de lyrismo, um dos de primeira plana em todos os tempos da nossa literatura.

Mas esta carta... quando comecei a escrevel-a, não era só para enganar a saudade, nem, distrahido na conversa dos teus livros e nas idéas que elles iam suggerindo, me esqueci do meu pensamento inicial... Conhecias o meu juizo sobre a tua obra; dizel-o em publico, sem exaggero mas sem reserva, era a meu ver um modo incisivo de fazer-te sentir a responsabilidade e a obrigação do teu valor literario. Já não podes, não deves eximir-te, com a prolongação da tua ausencia do Brasil, ao posto que te incumbe por direito de talento, de cultura, de character, e da seriedade e excellencia da tua obra. Não são muitos os homens que possuam tal conjuncto de qualidades mentaes, e artisticas, com a necessaria autoridade moral, para serem agora o que foi, durante alguns annos, Machado de Assis. Tres ou quatro, não mais, um delles ausente. Era bem que se reunissem aqui e formassem o grupo central das nossas letras, e lhes dessem o exemplo vivo e conversado das maneiras finas, do gosto urbano, e da elevação intellectual.

Que pode prender-te ainda na Europa? Attingiste o ultimo posto da diplomacia, contentaste a aspiração de carreira: e serviste optimamente ao Brasil durante 26 annos. Ahi podes ser substituido. Mas aqui fazes falta; ninguem preenche a tua ausencia, e a tua ausencia é, no que respeita á actualidade da nossa literatura, um erro, um mal. Sei que a saudade da patria ha muito que te solicita e attrahe; junta-lhe agora para a tua decisão definitiva, a obrigação e a responsabilidade que te impõe a tua gloria.

Nós, teus amigos, e os moços, que surgem agora nas letras, todos te esperamos para ajudar-te a completar a tua missão.

Rio — Dez. de 1920.

MARIO DE ALENCAR.